

CHARLESWORTH, James H., & JOHNS, Loren L. (eds.), *Hillel and Jesus: Comparative Studies of Two Major Religious Leaders*, Minneapolis, Fortress Press, 1997, XXXI + 486 pp.

Creio ser bem oportuna a apresentação do conteúdo deste livro para os leitores de língua portuguesa. Principalmente por dois motivos. O primeiro pela importância que têm estes dois personagens do Segundo Templo na Palestina, cujo conhecimento nos chega através da transmissão da sua memória, mais próxima em Jesus, mas distante em Hillel e, sobretudo, e este é o segundo motivo, pela cada vez mais dominante tendência a entender tanto Jesus como os principais personagens dos inícios do movimento cristão como membros e intérpretes de um judaísmo que se oferece ao consumo público no meio de outros "judaísmos".

Tanto Jesus como Hillel são dois personagens reais da história judaica do Segundo Templo. Tanto de Jesus como de Hillel não poderemos escrever propriamente uma biografia. Tanto sobre Jesus como sobre Hillel, a ação dos seguidores, narrando a sua memória, criando em cima dela, os constituíram em duas figuras importantes para as duas religiões, o cristianismo e o judaísmo rabínico, as quais embora saindo da mesma mãe, trilham caminhos bem diferentes, cuja história muitas vezes esqueceu sua origem fraterna.

A certeza de que tanto Jesus como Paulo só podem ser compreendidos dentro do seu povo nos obriga a buscar a sua originalidade no contexto do seu tempo. E por isso o conhecimento desse tempo é imprescindível para uma justa interpretação deles e do cristianismo que deles partiu.

Uma comparação entre Hillel e Jesus se apresenta como problemática e cheia de desconfianças pelo tom apologético tantas vezes usado na comparação. Mas, conscientes desse perigo, os autores desta obra apostam na importância desta comparação para compreender-los melhor e buscar novas luzes para o esclarecimento do judaísmo do Segundo Templo ao qual eles pertenceram.

A obra é extensa. Quase 500 páginas e os autores todos de qualidade e provada ciência bíblica.

Ela é dividida em **três partes**, por causa, inclusive, da complexidade do tema. **A primeira** é uma introdução as questões centrais do livro e aos desafios metodológicos do mesmo. *Quatro capítulos formam esta primeira parte.*

Charlesworth aposta na comparação destes dois personagens, superando os preconceitos do passado e oferecendo indicações metodológicas que ajudam uma comparação correta.

Goshen-Gottstein, mais cuidadoso, levanta suspeitas e, desconfiado do passado, oferece suas dúvidas sobre a comparação.

Weinfeld oferece uma visão do passado presente ainda hoje, segundo a qual, para louvar Jesus e o cristianismo era necessário deformar o judaísmo, esquecendo que as críticas são mais debates internos ao judaísmo do que rejeição do próprio judaísmo.

Flusser compara Hillel e Jesus no que se refere à sua autocompreensão. Os dois têm uma consciência clara do seu lugar no judaísmo. Jesus como Messias, Hillel como um representante da humanidade.

A segunda parte se preocupa com questões sociais e históricas que podem nos ajudar a elucidar bem o contexto de Hillel e Jesus.

Levine investiga a importância da arqueologia para esclarecer a Palestina anterior aos anos 70. A centralidade do Templo e da classe sacerdotal no pré-70 é um resultado importante, da mesma maneira que a arqueologia nos obriga a ser cautelosos quando comparamos a sinagoga na época anterior a 70 com a sinagoga que surge após a guerra judaica.

Robinson analisa o apocalipsismo do judaísmo do Segundo Templo para enfatizar a influência apocalíptica em Jesus e a ausência da mesma na tarefa de acomodar o judaísmo a certas formas de helenismo. Assim Hillel contribuiu para a sobrevivência do judaísmo.

Sievers examina a questão hoje tão importante: quem são os fariseus? Para nos deixar com um recado realista de que sabemos menos do farisaísmo do que pensamos.

Dunn recolhe dois pontos que são cada vez mais consenso entre os autores: o judaísmo é um fenômeno plural no começo do século I depois de Cristo e Jesus deve ser compreendido dentro deste judaísmo

diversificado e plural. Tenta avançar nesta diversidade analisando o tema dos pecadores.

Aune aponta a temática da raiz cultural na qual deve ser colocada a figura de Jesus. Devemos olhar mais para as tradições sapienciais judaicas e helenísticas do que para o apocalipsismo judaico na hora de compreender Jesus? Um filósofo cínico?

Pixner amplamente desenvolve o tema das relações entre o movimento cristão e o movimento essênio, partindo da descoberta da porta dos essênios em Jerusalém, aproximando fatos e personagens das origens cristãs com a comunidade essênia do bairro de Jerusalém.

Fiensy analisa a situação socioeconômica da Palestina herodiana no tempo de Jesus, para nos dizer que Jesus está longe das elites, mas também está longe dos idealismos proletários do passado.

E termina esta segunda parte com o artigo de *Arnold* sobre a questão da continuidade ou descontinuidade entre Jesus e Paulo, optando pela continuidade, contra a opinião tão divulgada no passado sobre a contradição entre ambos.

Assim chegamos à **terceira e última parte**, que é dedicada totalmente ao tema da comparação entre Hillel e Jesus.

Strange aposta na importância da arqueologia para o conhecimento deste tema.

C. Safrai examina a natureza e a função dos ditos e lendas na tradição de Hillel.

S. Safrai se preocupa com os ditos de Hillel tal como foram transmitidos e entendidos pelas gerações posteriores. Como foram reinterpretados e adaptados às novas situações.

Schwartz analisa o uso da Escritura em Hillel, para nos surpreender com a tese de que Hillel está mais interessado na lei oral e na interpretação dos mestres do que na interpretação da Escritura. Para Hillel, a opinião precede a exegese e o Hillel como interprete da Escritura dos sábios posteriores não corresponde ao Hillel real interessado principalmente na lei oral.

Alexander dedica-se ao estudo da regra de ouro, tal como é conhecida na tradição de Jesus e na tradição de Hillel. Embora seja uma regra bem anterior aos dois, ela pode iluminar as tradições que seguem os dois.

Lichtenberger lembra que, contra todos, Delizsch viu Hillel com bons olhos, embora fosse para enfatizar a figura de Jesus.

Evans sugere que as tradições sobre Jesus devem ser bem compreendidas no seu ambiente original. Ele esclarece importantes aspectos das mesmas.

Viviano analisa a oração em Hillel e em Jesus, resumindo, ao dizer que a oração de Hillel está mais centrada na perspectiva creacional e sapiencial e a de Jesus na urgência apocalíptica.

A obra termina com a avaliação feita por *Charlesworth*. Apesar de Jesus não ser um hillelita, a comparação, se levada a sério, é proveitosa.

Por esta breve apresentação, pode o leitor concluir da importância desta obra.

***O Pe. Herminio Andrés Torices é Mestre em Ciências e Línguas Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e Professor de Novo Testamento e Línguas Bíblicas no ITCR da PUC-Campinas e no ITESP – São Paulo.
E-mail: andres@nodel.com.br***